

Interatividade e parâmetros tecnodiscursivos em práticas textuais impolidas no contexto do futebol feminino

Interactivity and techno-discursive parameters in impolite textual practices in context of women football

Isabel Muniz Lima¹
Jessica Oliveira Fernandes²

Resumo: A figura feminina é frequentemente alvo da intolerância em diversas esferas da sociedade. Especificamente em ambientes em que predominam os homens, como os esportes, com ênfase no futebol, esse tipo de preconceito se manifesta de diversas formas, como por meio de ofensas em redes sociais, ecossistemas que, dada a alta interatividade característica, proporciona que esse tipo de discurso atinja níveis e proporções visíveis. Com o objetivo de investigar como a impolidez (Culpeper, 2011) se manifesta e, ainda, como a interatividade (Muniz-Lima, 2022) colabora para a exacerbação da agressividade ao ponto de esta se tornar, algumas vezes, violenta (Fernandes, 2023), selecionamos e analisamos comentários de Twitter acerca de uma fala da jornalista esportiva Mariana Spinelli sobre o status atual do futebol feminino. Como resultados, observamos que existe a interferência de parâmetros tecnodiscursivos, como a viralidade e o efeito de ausência nos graus de impolidez, e ainda que os interlocutores se valem de recursos como a ferramenta para menção (@), o pseudonimato e os *emojis* para compor seus comentários e realizar ataques.

Palavras-chave: futebol feminino; interatividade; impolidez; Twitter.

Abstract: The female image is often the target of intolerance in various layers of society. Specifically in environments where men predominate, such as sports, with an emphasis on football, this type of prejudice is manifested itself in different manner, such as through offenses on social media, ecosystems that, given the characteristic high interactivity, allow this type of discourse to reach visible levels and proportions. With the aim of investigating how impoliteness (Culpeper, 2011) manifests itself, and also how the level of interactivity (Muniz-Lima, 2022) contributes to the exacerbation of aggressiveness to the point that it sometimes becomes violent (Fernandes, 2023), we selected and analyzed Twitter comments about one speech by sports journalist Mariana Spinelli about the current status of women football. As a result, we observed the interference of techno-discursive parameters such as virality and the effect of absence of the degrees of impoliteness, and also that the interlocutors use resources

¹ Universidade Federal de Alagoas (Fale/UFAL - Maceió - AL, Brasil). Membro dos grupos de pesquisa Prottexto (Universidade Federal do Ceará), Gramática & Texto (Universidade Nova de Lisboa) e Grupo de Pesquisa Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (UFAL). Endereço eletrônico: isabel.muniz@fale.ufal.br.

² Universidade Federal do Ceará (UFC - Fortaleza - CE, Brasil). Membro do grupo de pesquisa Prottexto (Universidade Federal do Ceará). Endereço eletrônico: jessicafernandes36@gmail.com.

such as the mention tool (@), the pseudonym, emojis to compose their comments and carry out attacks.

Keywords: women football; interactivity; impoliteness; Twitter.

Introdução

De acordo com Bragato e Silva (2021), na perspectiva do Direito, os discursos de ódio³ são compreendidos como um conjunto de manifestações depreciativas, direcionadas a determinados grupos sociais considerados submissos ou subordinados, cujo objetivo é gerar discriminação e violência. Quando produzidas e circuladas em contexto digital on-line, essas manifestações textuais podem adquirir uma visibilidade ampla e gerar altos níveis de interatividade (Muniz-Lima, 2022), o que, em muitas ocasiões, resulta em situações de violência extrema. Em diferentes práticas sociais on-line, seja qual for o contexto sócio-histórico-político-cultural em questão, estamos sujeitos a ser tanto fonte quanto alvo de ataques diversos.

Em *Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática*, Teixeira e Caminha (2013) apresentam um breve panorama das conquistas das mulheres em diferentes âmbitos sociais e, em paralelo, sua crescente participação nas atividades tradicionalmente tidas como masculinas, sobretudo aquelas em que entra em jogo o modo como as mulheres lidam com o próprio corpo, como é o caso da prática de esportes como o futebol. Conforme destacam os autores, embora o Brasil seja considerado o *país do futebol*, a atuação feminina nesse esporte parece ser, ainda hoje, apenas tolerada, não adquirindo a visibilidade e a aceitação social merecidas para que pudéssemos falar, nesse contexto, em igualdade de gênero.

Mais que *apenas tolerada*, a prática do esporte por mulheres, bem como a atuação destas em profissões relacionadas, como árbitras, comentaristas ou narradoras esportivas, sofrem com constantes ataques violentos diretos, sobretudo nas redes sociais, local de intensa atualização de polêmicas públicas, como as discussões em torno da igualdade de gênero⁴. No Brasil, recentemente, a apresentadora e comentarista de futebol feminino Mariana Spinelli foi vítima

³ A nosso ver, *discurso de ódio* difere de *impolidez* em algumas ocasiões, uma vez que o primeiro conceito nos parece ter um foco mais específico em grupos menos favorecidos, em minorias, enquanto a segunda noção é mais abrangente, por vezes, como é o caso deste artigo, englobando discursos de ódio. Dito isso, utilizaremos ambos os termos como sinônimo, especificamente por esse estudo se dedicar a um grupo desfavorecido, as mulheres.

⁴ Em Muniz-Lima (2022b), a autora estabelece uma articulação entre a Linguística Textual brasileira e a Análise do Discurso Digital e reflete sobre algumas estratégias tecnolinguageiras violentas apresentadas no ecossistema Instagram por seguidores do perfil do time de futebol francês @ol em relação ao jogo arbitrado por Stéphanie Frappart, primeira mulher a apitar grandes torneios de futebol masculino na Europa.

de ataques violentos, sobretudo com declarações misóginas, no Twitter, após trechos de sua entrevista no famoso podcast brasileiro Flow viralizarem. Esse fato fez com que a polêmica figurasse entre os assuntos mais comentados no Twitter em 7 de fevereiro de 2023. A repercussão desse acontecimento público nos motivou, neste trabalho, a observar de que maneira se construíram as práticas textuais violentas nesse caso específico e de que maneira isso pode reforçar discursos intolerantes em torno da prática do futebol por mulheres.

A Linguística Textual brasileira, especialmente aquela praticada no grupo de pesquisa Prottexto, do qual as autoras deste artigo fazem parte, tem investigado práticas textuais em diferentes ecossistemas digitais com o objetivo de verificar a relação entre aspectos linguageiros e tecnológicos e diferentes categorias textuais. Destacamos, que a Linguística Textual praticada por esse grupo é abertamente interdisciplinar e busca aproximar princípios de outras disciplinas que possam colaborar na compreensão de fenômenos relacionados ao texto, entendido por nós, como um enunciado multimodal completo, cuja unidade de sentido se revela em interação (Cavalcante *et al.*, 2022). Assim, vale mencionar, que noções como interação e interatividade são tomadas aqui a partir do lugar teórico da Linguística Textual, sobretudo, nesses casos, com base em Muniz-Lima (2022), que reconsiderou a noção de interação a fim de contemplar a evolução do próprio conceito de texto dentro da Linguística Textual. Da mesma forma, apresentaremos reflexões e atualizações no âmbito dos estudos da impolidez (Fernandes, 2023), os quais, aos poucos, têm engendrado esforços nas discussões das interações que acontecem mediadas pela máquina, sempre em favor de uma análise do nosso objeto de estudo: o texto. Os membros do grupo, assim como Giering e Pinto (2021), por exemplo, têm discutido os desafios da Linguística Textual no confronto com os textos que circulam em contexto digital on-line.

Em Cavalcante *et al.* (2022), os autores se debruçam sobre categorias fundamentais para a Linguística Textual, como referência, interação, intertextualidade, argumentação, gêneros, sequências, entre outras, buscando evidenciar justamente os avanços que a disciplina tem revelado nos últimos 20 anos, imprimindo um olhar para textos que circulam na tecnodiscursividade. Este artigo, portanto, se apresenta nessa direção, colaborando para ampliar os estudos do texto e da interação em contexto tecnodiscursivo.

Brito, Cabral e Silva (2022), por exemplo, investigaram o fenômeno da ciberviolência, compreendendo essa prática como acontecimentos discursivos amorais desencadeados por textos que adquirem caráter violento, entre outros fatores, por sua relação com a época, a cultura e o espaço nos quais circulam. Os autores mencionam que os gestos linguageiros violentos se

apresentam relacionados aos diferentes modos de organização textual, por isso são aspectos importantes a serem investigados nos estudos do texto.

Neste trabalho, buscamos refletir sobre a seguinte questão-problema: de que modo a interatividade (Muniz-Lima, 2022) e alguns parâmetros tecnodiscursivos (Paveau, 2021) podem se relacionar à construção de práticas textuais intolerantes no futebol feminino? Mais especificamente, nos interessa verificar de que maneira os aspectos que configuram a interatividade (controle do conteúdo, caráter dialogal e sincronicidade) podem atuar no jogo de coconstrução de discursos intolerantes no corpus em questão. Ainda, buscamos observar que estratégias tecnolinguageiras⁵ de ataque (propostas em Paveau, 2021) ao outro são acionadas no tecnodiscurso em análise. E, nessa esteira, refletimos sobre de que modo o efeito de ausência e a viralização intensificam os efeitos impolidos nos tuítes investigados. O corpus escolhido foi a postagem iniciadora publicada em 6 de fevereiro de 2023 em um perfil no Twitter e alguns comentários relacionados a esse *post*⁶.

Para tal, na primeira seção, fazemos uma discussão sobre o que entendemos por impolidez e os aspectos que estão envolvidos na interpretação desse fenômeno complexo, além de, ainda, pontuar alguns parâmetros tecnolinguageiros que, a nosso ver, podem promover um efeito mais ou menos violento. Em seguida, destacamos características da interatividade e sua relação com as práticas impolidas dentro do ambiente virtual Twitter. Por fim, demonstramos como, na análise de comentários direcionados ao tuíte que selecionamos, esses fatores dialogam na construção de possíveis efeitos agressivos e, ainda, de seus graus de intensidade.

Os níveis de impolidez no ambiente digital

A impolidez, nas sociedades contemporâneas, se manifesta com frequência considerável e assume diversas formas e intensidades, de acordo com o ambiente/contexto em que se realiza. Para Goffman (2011), “em intercâmbios agressivos, o vencedor [...], enquanto participante da interação, cuida de si melhor que de seus adversários” (p. 31-32). É através das pesquisas desse autor que encontramos muitas das reflexões iniciais sobre atos impolidos.

⁵ O termo diz respeito à consideração de aspectos tecnológicos e linguageiros na investigação do texto, do discurso e da interação. Esse pressuposto é sugerido em Paveau (2021) e assumido nos atuais trabalhos da Linguística Textual brasileira, na qual este estudo se enquadra.

⁶ A postagem iniciadora e os comentários relacionados a ela estão disponíveis neste link: <https://twitter.com/LedioLegal/status/1622683477953900544>.

Os estudos na área da polidez se iniciaram, por influência dos estudos pragmáticos tradicionais, com uma perspectiva voltada às trocas verbais face a face, e as análises focavam em marcas da superfície textual com vista ao cumprimento ou não de normas e padrões previamente estabelecidos, sem que as nuances oriundas da diversidade cultural, por exemplo, fossem plenamente levadas em conta. O modelo proposto por Brown e Levinson (1987), focado na gestão das faces positivas e negativas tanto do falante quanto do ouvinte, previa estratégias para que atos ameaçadores de face fossem mitigados, como perguntas, verbos modais etc. A perspectiva adotada à época era restrita, pois se dedicava à cultura anglo-saxã, e foi apontada como pessimista por entender a interação como uma arena de gladiadores. Além disso, ainda era muito apegada a normas e padrões.

Esse modelo clássico alcançou grandes proporções e, ao passo que foi bastante questionado, também influenciou outros autores a investigarem o tema, assim como inspirou questionamentos acerca do que seria o *oposto* de polidez, a impolidez. Como reflexo do interesse crescente na área, Culpeper (1996) propôs uma matriz de impolidez baseada nesse modelo de polidez proposto por Brown e Levinson (1987). Como o pragmático inglês *espelhou* as estratégias dos autores, herdou, naturalmente, algumas problemáticas, como a da universalidade, a da idealização das interações e de seus participantes.

Na altura, Culpeper (1996) foi alvo de críticas semelhantes e, a partir delas, reformulou o seu modelo, acrescentando, em 2003, juntamente com Bousfield e Wichmann, as possibilidades de respostas a um ato impolido, dividindo-as em *não responder* ou responder. No caso de o falante responder ao gesto impolido, ele pode aceitar, com um pedido de desculpas, por exemplo, ou contra-atacar, de modo ofensivo ou defensivo. Para os autores, apesar de impolidas, quaisquer dessas alternativas de réplica são, considerando os níveis existentes, menos impolidas que o ato inicial.

Outra noção importante para os estudos da polidez é o conceito de face, conforme aponta Goffman (2011):

Um valor social positivo de uma pessoa que efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados – mesmo que a imagem possa ser compartilhada (p. 13-14).

Seguindo o que desenvolveu Spencer-Oatey (2002), em seus estudos sobre a gestão dos relacionamentos, o autor passa a contemplar tanto o caráter particular dos participantes quanto o social/interpessoal. Outra contribuição de Culpeper *et al.* (2003) diz respeito à relativização

dessa noção, que passa a ser também contextual, visto que, em situações distintas, alguns aspectos ganham mais relevância que outros - casos em que princípios coletivos são mais valorizados que os individuais, por exemplo.

Em 2008, Culpeper destaca a existência de normas sociais em dois âmbitos: o individual e o social. O âmbito social já era conhecido desde o modelo clássico e versa acerca das percepções coletivas sobre as expectativas, as quais, se não atendidas, são vistas como comportamentos negativos. A contribuição do autor nesse momento diz respeito a uma visão individual, a qual se junta à coletiva, mas proporciona uma visão maior de autonomia do falante em relação às sobredeterminações sofridas.

Posteriormente, o pragmático inglês assevera especificamente a característica da intencionalidade (Culpeper, 2011) em relação ao fenômeno da impolidez. Porém, diferentemente do que entendem os estudiosos da psicolinguística, com base em Gibbs (1999), o autor concebe essa característica crucial como uma propriedade dinâmica e emergente da interação social/cultural/histórica na qual os interactantes criam e dão sentidos a diversos artefatos humanos.

Nesse sentido, Culpeper (2011) destaca que os atos impolidos são aqueles em que o falante, intencionalmente, busca agredir o seu ouvinte, o que está relacionado com expectativas e/ou normas socialmente estabelecidas para determinadas interações, como rituais. Dito de outra forma, o que é considerado impolido em uma fala pública de um dono de uma empresa em uma palestra, por exemplo, pode não o ser em uma conversa informal dessa mesma pessoa, mas entre amigos. Os participantes, dessa forma, sofrem coerções das circunstâncias de produção não só para a realização do ato linguageiro, mas também para a interpretação deste, uma vez que o seu sentido é coconstruído.

Porém, além das influências que os participantes sofrem de fatores diversos pelos quais uma interação é pautada, há de se considerar a autonomia dos interactantes para eventualmente transgredir o que se espera deles em determinado contexto, isto é, apesar de direcionados por práticas discursivas típicas, os falantes estrategicamente divergem dos protocolos e das normas para causar efeitos de sentido, por exemplo, impolidos.

Diante disso, nos aproximamos da percepção mais atual de impolidez desenvolvida por Culpeper e Hardaker (2017) e, sobretudo, do que Fernandes (2023) desenvolve em sua tese em andamento, visto que se aproxima mais do corpus - e naturalmente das condições de produção - que analisamos nesta investigação, qual seja: o contexto digital on-line. Como impolidez,

então, consideramos os gestos ofensivos a partir de um acordo interativo entre os participantes conforme as expectativas e as atualizações destas nos textos, o que nos fornece pistas de como o “*valor social das palavras e fórmulas inventadas e compartilhadas pela sociedade*” (Charaudeau, 2019, grifos do autor) pode ser interpretado, levando ainda em conta os traços socioculturais que atravessam os efeitos possíveis e as características do ambiente.

Como apontam Brito e Oliveira (2018), a ciberviolência lida com a incitação às emoções, as quais, em termos de redes sociais, suscitam engajamento, isto é, reações como curtidas e comentários. Essa característica nos faz lembrar da figura do terceiro, o qual presencia, em interações públicas, os gestos linguageiros dotados de agressividade, que, muitas vezes, buscam a adesão desse participante indireto, não se importando com a preservação da face de seu interlocutor direto.

Nesse sentido, algumas características específicas colaboram para o aumento no grau de impolidez do gesto linguageiro praticado; o fato de a agressão ser pública, como aponta Fernandes (2023), é um desses fatores. Conforme aponta Goffman, “tudo se passa como se a presença de uma testemunha aumentasse a gravidade do desvio⁷ porque já não cabe nem ao ofensor nem ao ofendido esquecer, apagar ou suprimir o sucedido: o desvio tornou-se público” (1968, p. 193 - *tradução nossa*). Esse raciocínio, pensado inicialmente para as interações face a face, pode se desdobrar, com as devidas adequações e atualizações, dada a diferença entre as abordagens propostas, para o ambiente nativo digital e ser incorporado por um dos parâmetros tecnolinguageiros descritos por Marie-Anne Paveau (2021), a viralidade. Nesse sentido, o efeito do gesto ofensivo seria alargado na medida em que o comentário, por exemplo, fosse muito curtido e comentado, o que garantiria que outros internautas o presenciaram, além dos que não chegaram a interagir.

Além da viralidade, acreditamos, na esteira do que Fernandes (2023) discute, que outros parâmetros tecnolinguageiros descritos pela autora francesa colaboram para exacerbar ou não o ato agressivo. O efeito de ausência e a inseparabilidade, a nosso ver, também causam um desconforto maior por parte do ofendido. Segundo Paveau (2021), o efeito de ausência tem relação com a não implicação da pessoa física no ambiente on-line. Entendemos que o efeito de ausência engloba, ainda, outros parâmetros, a saber: a cultura de quarto e o anonimato ou

⁷ No original, *la faute*, no sentido de quebra de um princípio ou de uma regra moral.

pseudonimato⁸. O fato de o afetado não ter acesso (entendido de modo amplo) ao seu agressor, seja fisicamente, seja virtualmente por não ter informações o suficiente sobre o outro, gera uma sensação de impotência, o que, de certa forma, tira seu direito de defesa.

Já a inseparabilidade diz respeito à ligação cada vez mais estreita que temos com os meios virtuais, o que aproxima o virtual do real. O ato impolido pode trazer consequências negativas não só para o perfil, mas também para, por exemplo, o trabalho, já que a internet tem sido, definitivamente, o meio mais recorrentemente utilizado para se obter informações. Algumas condutas reprováveis no ambiente digital frequentemente têm sido punidas, por exemplo, com desassociação de marcar o nome de pessoas que trabalham com a redes sociais, como foi o caso de influencers como Gabriela Pugliesi.

Dito isso, é comum que os usuários das redes sociais se utilizem da estratégia textual/discursiva da impolidez para exacerbar polêmicas como a que discutimos.

Interatividade e ataques violentos no ecossistema *Twitter*

Em Muniz-Lima (2022b), refletimos sobre algumas estratégias tecnolinguageiras violentas utilizadas no ecossistema *Instagram* por seguidores do perfil do time de futebol francês @ol em relação ao jogo arbitrado por Stéphanie Frappart, primeira mulher a atuar na função em grandes torneios de futebol masculino europeu. Tomando como base pressupostos teóricos da Linguística Textual brasileira, sobretudo a reconsideração da noção de interação, defendida em Muniz-Lima (2022), e algumas reflexões sobre ciberviolência, apresentadas em Paveau (2021), analisamos um corpus composto de uma postagem realizada no perfil francês @ol, mais treze comentários agrupados a esse texto-fonte, publicados em 21 de abril de 2021. A análise da configuração da interação no corpus selecionado evidenciou que os interlocutores se valeram de diferentes modalidades tecnolinguageiras, como a função *marcar pessoas* do *Instagram*, a própria natureza de *viralização* dos dispositivos técnicos desse ecossistema e os recursos de interatividade (como as curtidas), para alimentar e multiplicar ataques violentos à árbitra.

No caso dos ataques sofridos pela jornalista Mariana Spinelli no Twitter, verificamos, nesta investigação, estratégias tecnolinguageiras semelhantes, como será evidenciado na

⁸ Segundo Paveau (2021), o anonimato-pseudonimato se relaciona às diferentes identidades que podem ser criadas e geridas on-line.

próxima seção. Antes, porém, especificamos de que maneira temos entendido o fenômeno da interação em contexto digital on-line. Muniz-Lima (2022) reconsidera esse aspecto tomando como base diferentes autores, tanto da área da Linguística Textual (Koch, 2001, 2016; Marcuschi, 2010), quanto de outras disciplinas das Ciências da Linguagem (Bakhtin/Volochínov, 2009; Jakobson, 1963; Kerbrat-Orecchioni, 1990, 1992, 2005; Vion, 1992), além de áreas que, tradicionalmente, estudam a interação, como a Sociologia, a Antropologia (Goffman, 1973, 1974, 2002, 2011; Ribeiro e Garcez, 2002) e as Ciências da Comunicação (Jensen, 1998; Mcmillan, 2002). Com base em uma análise ampla de diferentes modos de interação em contexto digital on-line, Muniz-Lima (2022) propõe que a interação seja compreendida como

um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos, sempre encenado, e que acontece de diferentes modos em função de uma combinação de aspectos. No caso das interações em contexto digital, propomos que seja considerado um conjunto de fatores tecnolinguageiros, que envolva, entre outros elementos, o tipo de mídia, o tipo de suporte, os níveis de interatividade e os sistemas semióticos (p. 82).

Esse conjunto de fatores pode se relacionar diretamente às estratégias de impolidez em contexto digital on-line. Nos tecnotextos, isto é, nas produções textuais produzidas e projetadas para circular em contexto digital, com as ferramentas das mídias e dos suportes envolvidos, podemos observar diferentes modos de ataque e humilhação ao outro ou de transgressão de certos valores considerados socialmente decentes.

A interatividade tem sido compreendida na Linguística Textual brasileira (Cavalcante *et al.*, 2022) como sendo um dos objetivos dos interlocutores que produzem textos em contexto digital on-line. Em Muniz-Lima (2022), a autora sugere que esse fenômeno seja compreendido “como um aspecto tecnolinguageiro da interação que implica executar ações diretas, ativas e síncronas entre interlocutores no processo de construção de sentidos e que se apresenta em níveis, em função do controle do conteúdo, do caráter dialogal e da sincronicidade” (p. 123). A interatividade seria, conforme reforçam Muniz-Lima e Catelão:

[...] uma espécie de chamamento para que os interlocutores exerçam algum tipo de gesto que se revela em uma ação ao mesmo tempo tecnológica (alusivo a tudo que é eletrônico, computacional) e linguageira (relativo aos sistemas de comunicação escritos, orais, imagéticos, sonoros, gestuais) – integração tecnolinguageira defendida em Paveau (2021) (Muniz-Lima; Catelão, 2023).

A interatividade se relaciona a uma participação-ação dos interlocutores, que pode ser observada através de gestos tecnolinguageiros que “demonstram sua capacidade de, mesmo que ilusoriamente, manipular os conteúdos que circulam em contexto digital on-line” (Muniz-Lima; Catelão, 2023). Esse fenômeno envolve a possibilidade de que os interlocutores exerçam certo controle sobre o que se produz on-line, revelando algum tipo de escolha (*controle do conteúdo*). Como propõe Muniz-Lima (2022), a interatividade envolve, ainda, as trocas conversacionais (*caráter dialogal*) que, em contexto digital on-line, podem chegar a altos níveis de velocidade (*sincronicidade*). O controle do conteúdo é a variável da interatividade “que diz respeito à possibilidade de interlocutores controlarem ou reagirem de alguma forma aos textos que circulam em contexto digital, seja editando-o, excluindo-o ou compartilhando-o” (Muniz-Lima, 2022, p. 124). O caráter dialogal, por sua vez, considera “a possibilidade que os interlocutores têm de fornecer respostas entre si, estabelecendo trocas dialogais. Esse aspecto diz respeito, portanto, à possibilidade que os interlocutores podem ter de realizar trocas de turno nas interações no contexto digital” (Muniz-Lima, 2022, p. 129). A sincronicidade estaria relacionada ao “tempo de resposta fornecido pelos interlocutores em uma interação, demonstrando maior ou menor nível de engajamento ativo” (p. 133). Segundo a autora, a observação desse aspecto “pode dar indícios de que um determinado texto foi considerado ou não relevante para determinado público” (p. 134) ou, ainda, evidenciar ainda mais o modo como a gestão dos algoritmos acaba valorizando determinados conteúdos em certas postagens e, no caso do nosso *corpus*, contribuindo para a intensificação da violência on-line.

Análise e discussão do *corpus*

Como objeto de nossa análise, selecionamos um vídeo que foi inicialmente publicado no Youtube, mas que foi, posteriormente, repostado no Twitter. Nossas considerações se concentram na discussão feita nos comentários que foram desencadeados a partir do tuíte que *reavivou* o vídeo da jornalista Mariana Spinelli. A apresentadora e repórter esportiva da ESPN Brasil participou do podcast Flow Futebol Club em julho de 2022 e teve um trecho de seu vídeo, em que opina sobre o lugar do futebol feminino na atualidade, divulgado por uma conta de Twitter, o @LedioLegal, no início do ano de 2023. No recorte do vídeo, os trechos que foram alvo de críticas são os seguintes⁹:

⁹ Optamos por uma representação verbal direta do trecho do vídeo devido ao recorte deste trabalho, que visa fazer apenas uma breve análise sobre a interatividade e a impolidez em contexto digital on-line. Uma investigação mais

Trecho 1: “Os caras que não gostam de futebol feminino, não é que eles não gostam de futebol feminino, eles gostam de ver homens jogando. Eu gosto de futebol. E o que você gosta no futebol? Gol, ataque contra defesas, um jogo maneiro: isso é futebol”.

Trecho 2: “Agora, se você é contra o futebol feminino, é que você gosta de ver homens. Para mim é só essa explicação. 'Eu só gosto de homens', mas não tem problema, não é isso que estou falando. Para mim, o argumento de não gostar de futebol feminino, é que você tem preferência por gênero”.

No momento da coleta, realizada em maio de 2023, o tuíte possuía mais de 338 mil visualizações, mais de 100 retuítos, mais de 250 comentários e mais de 1.500 curtidas, o que sinaliza uma repercussão considerável. O mesmo vídeo também foi publicado por outros perfis e em redes sociais diferentes. Os altos níveis de interatividade dessa interação revelam elevados níveis de engajamento efetivo por parte dos interlocutores e podem evidenciar o reforço de determinados ataques ofensivos. Observemos a postagem iniciadora e a resposta dada por um dos interlocutores:

Exemplo 1: Postagem iniciadora e resposta de interlocutor

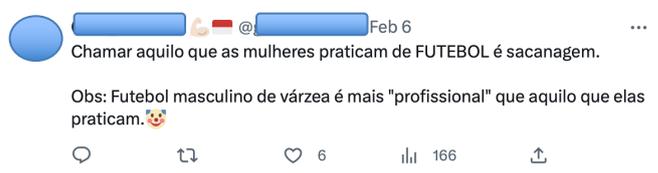


Acesso em: <https://twitter.com/Colordismo1/status/1622684833431388160>.

aprofundada, em trabalhos futuros, poderia levar em consideração a possibilidade de realização de transcrição linguística e de detalhamento dos gestos e das expressões faciais da jornalista no vídeo em questão.

A impolidez do tuíte pode ser evidenciada tanto pela parte “pq é chato para um caralho”, trecho que destaca o uso intencional de insultos e palavras de baixo calão para caracterizar o esporte em discussão, quanto pelo número de curtidas (63) e de visualizações (1.811), os quais parecem evidenciar o apoio dos interlocutores à mensagem ofensiva do internauta. Destacamos que esses recursos tecnolinguageiros além de, no caso das curtidas, demonstrarem certo controle do conteúdo que está sendo coconstruído, podem evidenciar um aumento nos níveis de impolidez na tecnodiscursividade. O interlocutor a seguir, por sua vez, se vale de recursos imagéticos, como o emoji de um palhaço, para reforçar a violência contra o comentário da jornalista e, por extensão, à prática do futebol feminino:

Exemplo 2: Resposta de @Guto_Cortelini



Acesso em: <https://twitter.com/Colordismo1/status/1622684833431388160>.

Após rebaixar a prática esportiva exercida por mulheres, mencionando que o futebol feminino é “aquilo que as mulheres praticam”, “sacanagem”, dando destaque ao termo futebol quando opta por colocá-lo em caixa alta, e menos profissional que uma prática amadora de futebol masculino, o tuíte se vale do *emoji* de um palhaço, o qual costuma ser utilizado para indicar que o tema em questão é estúpido, tolo, sem relevância ou que se trata de algo que tenta enganar os interlocutores. No caso dessa resposta, o internauta sugere que a jornalista, ao se posicionar criticando os que não apoiam o futebol feminino, está o chamando de palhaço, considerando que a opinião dela é facilmente derrubada.

Esse exemplo ajuda a entender a importância de esses e outros recursos semióticos serem considerados na análise das interações, pois, como vemos, colaboram na construção de sentidos dos textos que circulam em contexto digital on-line; nesse caso específico, permite que interpretemos uma exacerbação dos enunciados impolidos.

Paveau (2021) menciona o anonimato-pseudonimato como estratégia tecnolinguageira para a propagação de ciberviolência. Vejamos como essa estratégia pode se manifestar observando o exemplo a seguir:

Exemplo 3: Resposta do interlocutor



Acesso em: <https://twitter.com/DonDmteam/status/1622688521059196928>.

Nesse tuíte, o interlocutor se vale de um pseudônimo na tentativa de evitar que sua verdadeira identidade seja revelada, o que, segundo Paveau (2021), dá à interação um traço assimétrico, já que a vítima não pode “acionar os dispositivos discursivos de defesa” contra aquele que comete o ato impolido. Dessa forma, o locutor se protege de possíveis contra-ataques diretos. Esse efeito de ausência, como menciona a analista do discurso, pode facilitar, assim, a propagação de ações de impolidez.

A resposta do perfil *fake*, uma vez protegido em seu pseudonimato, por implicatura, classifica o futebol feminino como não competitivo e, em seguida, compara e ofende outros dois times, provavelmente masculinos, ao taxá-los de “futebol ruim”. É interessante observar que o efeito ofensivo em relação ao futebol feminino só é percebido dado o contexto e a relação com os outros tuítes, já que o autor não menciona em momento algum a categoria feminina. É pelo fio que o liga ao tuíte que contém o vídeo em questão que percebemos o alvo das ofensas.

Ainda, o uso de outros recursos com vista a aumentar o engajamento pode ser verificado, como a menção a outro internauta:

Exemplo 4: Resposta de mais um interlocutor



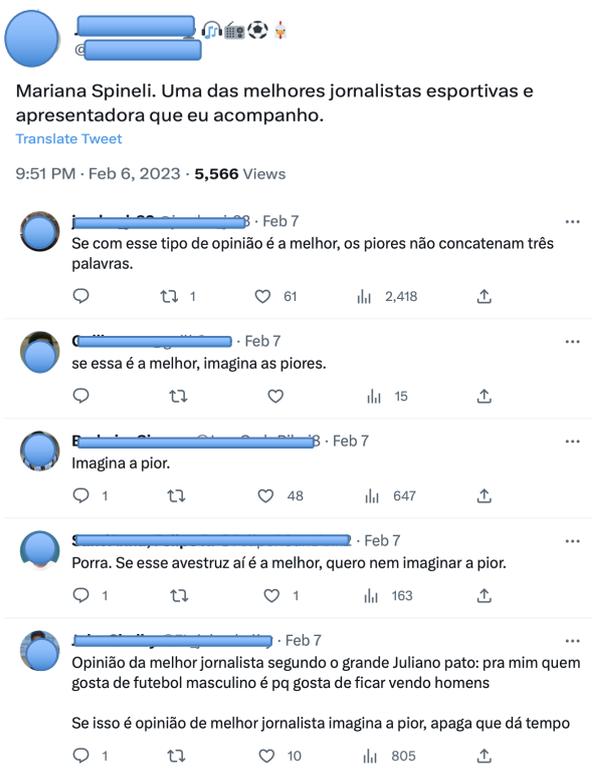
Acesso em: <https://twitter.com/ogabscarvalho/status/1622742900659421187>.

Nesse exemplo, o interlocutor marca um outro perfil, o qual recebe uma notificação em seu perfil, e o convoca, por esse gesto tecnolinguageiro, para um engajamento efetivo na interação, aumentando os níveis de interatividade do tuíte e, assim, contribuindo para a repercussão do ato impolido (“vem ver essa merda aqui”). Apesar de não ser um direcionamento do gesto agressivo ao usuário mencionado, esse recurso colabora, como dissemos, para um maior engajamento e, corroborando com nossa percepção, esse comentário se junta aos demais para intensificar o efeito agressivo direcionado à jornalista, uma vez que colabora para a viralização.

Como vemos, recursos do próprio ecossistema, ao serem convocados para aumentar os níveis de interatividade, podem contribuir também para a difusão e o aumento da intensidade de atos impolidos. No caso em questão, conforme buscamos evidenciar, esses atos de impolidez reforçam o preconceito, não só contra a opinião da jornalista, mas também contra o futebol feminino.

No exemplo 5, outro interlocutor faz um comentário acerca da jornalista e a elogia, contribuição que é alvo de pelo menos cinco outros perfis, todos homens, como vemos nas capturas de tela.

Exemplo 5: Resposta e comentários reativos



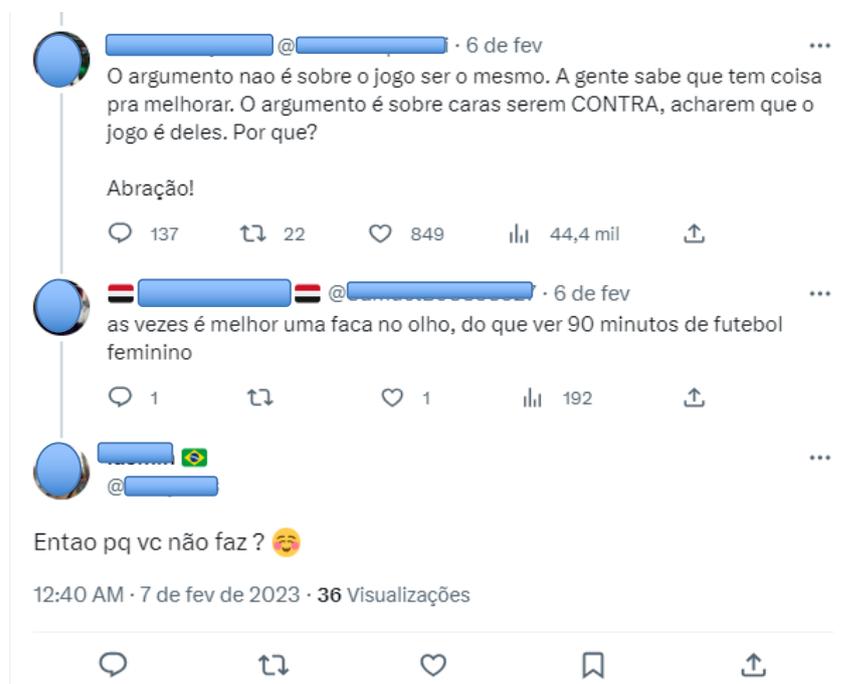
The screenshot shows a tweet by Mariana Spineli, a sports journalist and presenter, with 5,566 views. It features five replies, all from male users, which are highly interactive and contain misogynistic remarks. The replies include: 'Se com esse tipo de opinião é a melhor, os piores não concatenam três palavras.' (1 reply, 61 likes, 2,418 retweets); 'se essa é a melhor, imagina as piores.' (15 retweets); 'Imagina a pior.' (1 reply, 48 likes, 647 retweets); 'Porra. Se esse avestruz aí é a melhor, quero nem imaginar a pior.' (1 reply, 1 like, 163 retweets); and 'Opinião da melhor jornalista segundo o grande Juliano pato: pra mim quem gosta de futebol masculino é pq gosta de ficar vendo homens' (1 reply, 10 likes, 805 retweets). A follow-up comment on the last reply reads: 'Se isso é opinião de melhor jornalista imagina a pior, apaga que dá tempo'.

Acesso em: https://twitter.com/Juliano_pato/status/1622759906532028417.

Ao mencionar que Mariana é “uma das melhores jornalistas esportivas”, o interlocutor recebe respostas ofensivas, mas que não o têm como alvo direto. A agressividade é direcionada à jornalista em contraponto ao posicionamento de seu defensor. Todos os comentários seguem criticando Mariana e o fato de ela “ser a melhor” e a comparam à pior jornalista. De modo mais explícito, um dos interlocutores, comparando-a também às piores, a chama de “avestruz”, fazendo alusão, conforme o dicionário on-line da língua portuguesa¹⁰, a uma pessoa “desprovida de inteligência; burro, ignorante” ou, ainda, “de reputação duvidosa, pouco confiável”. Também um outro internauta é mais direto e questiona a habilidade, podemos dizer, cognitiva das piores jornalistas ao pontuar que elas “não concatenam três palavras”, isto é, deprecia a imagem de Mariana ao compará-la a níveis bem baixos de capacidade de pensar.

No exemplo a seguir, a própria jornalista, dada a repercussão do vídeo, interage e se defende contra-atacando, conforme as categorias propostas por Culpeper *et al.* (2003). Ela comenta de modo sutil e até irônico ao pontuar a falta de compreensão dos críticos e ao finalizar com “Abração!”, cumprimento que aparenta desacordo com o restante de seu tuíte, como podemos ver:

Exemplo 7: Resposta de uma interlocutora e respostas a ela



Acesso em: https://twitter.com/araujo_ias/status/1622802455208636418.

¹⁰ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/avestruz/>.

Ao comentário da interlocutora, um dos internautas responde que algo muito grave, isto é, perder a visão de modo voluntário e doloroso, é preferível a assistir a um jogo inteiro de futebol feminino. O exagero do comentário faz com que a ofensa também se revele exacerbada. A esse comentário violento, outro perfil responde sugerindo que ele realize, de fato, o ato que diz preferir: “enfiar uma faca no olho”. Além disso, observa-se a utilização de um *emoji* que denota ironia quando a usuária propõe um ato grave de violência, mas insere um *emoji* que simboliza uma pessoa feliz e tímida por causa das bochechas ruborizadas, o que vai de encontro à parcela verbal que compõe o enunciado.

Essa troca de comentários, especificamente entre esses interlocutores, a nosso ver, já pode ser considerada violenta, uma vez que incita à agressão física e à automutilação, ações que são condenáveis e passíveis de punições pela própria rede social, o que indica uma gravidade maior que a dos demais insultos.

Considerações finais

Nesta contribuição, propomos uma breve reflexão sobre o modo como a interatividade (Muniz-Lima, 2022) e alguns parâmetros tecnodiscursivos (Paveau, 2021) se relacionam à construção de práticas textuais intolerantes envolvendo a temática do futebol feminino. Pela análise do corpus, buscamos demonstrar como esses fatores dialogam na construção de possíveis efeitos agressivos e comentamos sobre seus graus de intensidade. Demonstramos que a interferência de parâmetros tecnodiscursivos como a viralidade e o efeito de ausência nos graus de impolidez e, ainda, recursos como a menção (@), o pseudonimato e o uso de emojis colaboram na coconstrução dos ataques à jornalista e, por extensão, ao universo do futebol feminino.

Entendemos que a limitação do corpus nos impede de apontar generalizações mais aprofundadas, por isso, em trabalhos futuros, será interessante ampliar os dados observados para que possamos evidenciar estas e outras estratégias tecnolinguageiras de impolidez em contexto digital on-line. Com este trabalho, esperamos contribuir para as discussões sobre práticas textuais que revelam discursos intolerantes e ampliar os estudos relacionados ao texto, à interação e à impolidez.

Referências

- BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BRAGATO; F. F.; SILVA, B. M. Discursos de ódio: uma análise à luz da colonialidade. **Rev. Faculdade de Direito**, v. 45, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revfd/article/download/63262/36731/318172>. Acesso em 9 jun. 2023.
- BRITO, M. A. P.; CABRAL, A. L. T.; SILVA, A. A. A ciberviolência em práticas textuais do ambiente digital. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2407, p. 52-75, out./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-2407. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2407/900>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- BRITO, M. A. P.; OLIVEIRA, R. L. A construção do referente em uma análise do pathos na polêmica. **ORGANON**, v. 33, p. 1, 2018.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CAVALCANTE, M. *et al.* **Linguística Textual**: Conceitos e aplicações. São Paulo: Pontes, 2022.
- CHARAUDEAU, P. Reflexões para a análise da violência verbal. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 15, n. 3, p. 443-476, set./dez. 2019.
- CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**. v 25, nº 3 p.349-367, 1996.
- CULPEPER, J. **Impoliteness using language to cause offense**. Cambridge, Cambridge University Press, 2011. 292 p.
- CULPEPER, J.; BOUSFIELD, D.; WICHMANN, A. Impoliteness revisited: with special reference to dynamic and prosodic aspects. *Journal of Pragmatics*, 2003. p. 1545-1579. Disponível em: www.sciencedirect.com. Acesso em: 10 out. 2020
- CULPEPER, J.; HARDAKER, C. **Impoliteness**. In: Culpeper, Jonathan, Haugh, Michael and Daniel Kadar (eds.) *Palgrave Handbook of (Im)politeness*. Basingstoke: Palgrave, 2017, p. 199-225. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317173237_Impoliteness Acesso em: 30 jun. 2023.
- FERNANDES, J. O. **As redes referenciais na construção do efeito de sentido impolido em comentários do Twitter**. 2023. Tese em andamento (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.
- GIERING, M. E.; PINTO, R. O discurso digital nativo e a noção de textualidade. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 15, n. 31, p. 30-47, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35655>. Acesso em: 14 set. 2023.
- GOFFMAN, E. **Asiles**. Paris: Éditions de Minuit, 1968.
- GOFFMAN, E. **La mise en scène de la vie quotidienne**: la présentation de soi. Tome 1. Paris: Les éditions de minuit, 1973.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**, New York, Harper & Row (trad. 1991 *Les cadres de l'expérience*, Paris, Minuit), 1974.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. [1964] *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale**. Paris: Les Éditions de minuit, 1963.

JENSEN, Jens. Interactivity: Tracking a New Concept in Media and Communications Studies. **Nordicom Review**, v. 12, n. 1, 1998.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Tome 1. Paris: A. Colin, 1990.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Tome 2. Paris: A. Colin, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Le discours en interaction**. Paris: A. Colin, 2005.

KOCH, I. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MCMILLAN, S. Exploring Models of Interactivity from Multiple Research Traditions: Users, Documents, and Systems. *In*: Lievrouw, Leah; Livingstone, Sonia (eds.). **The Handbook of New Media**. London: Sage Publications, 2002.

MUNIZ-LIMA, I. **Modos de interação em contexto digital**. Tese de doutoramento em Linguística (cotutela) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Linguística, 2022a. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/137024>. Acesso em: 9 jun. 2023.

MUNIZ-LIMA, I. Mulheres no futebol e ciberviolência: estratégias tecnolinguageiras de ataque no ecossistema Instagram. Comunicação oral apresentada no **I Encontro Alagoano Discursos, Gêneros e Sexualidades**, promovido pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, nov., 2022.

PAVEAU, M-A. **Análise do Discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística Interacional** (2a edição, revista e ampliada). São Paulo: Loyola, 2002.

SPENCER-OATEY, H. Managing rapport in talk: using rapport sensitive incidents to explore the motivational concerns underlying the management of relations. **Journal of Pragmatics**, 34, 2002, p. 529-545.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. *Movimento*, v. 19, n. 1, jan-mar., 2012, p. 265-287. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115325713014.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2023.

VION, R. *La communication Verbale. Analyse des interactions*. Paris: Hachette Supérieur, 1992.

Sobre as autoras

Isabel Muniz Lima (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2809-8292>)

Professora Adjunta na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (Fale/UFAL). Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em cotutela pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Membro dos grupos de pesquisa Protexoto (Universidade Federal do Ceará), Gramática & Texto (Universidade Nova de Lisboa) e Grupo de Pesquisa Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (UFAL).

Jessica Oliveira Fernandes (Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6811-423X>)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLIN/UFC). Membro do grupo de pesquisa Protexoto (Universidade Federal do Ceará).

Recebido em julho de 2023.

Aprovado em outubro de 2023.